

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*
 BERNARD DA COSTA CAMPOS — *Diretor*

J. A. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Executivo*MAURO GUIMARÃES — *Diretor*FERNANDO PEDREIRA — *Redator Chefe*MARCOS SÁ CORREIA — *Editor*FLÁVIO PINHEIRO — *Editor Assistente*

Editorial

ANC 88

Pasta 11 a 20

Dezembro/87

034

Centro de Atração

As dificuldades que a Constituinte encontrou para vencer os obstáculos deixados no seu percurso não acabaram com o aparecimento do *centrão*. A inadvertência da maioria teve um alto preço e exigirá por mais tempo que a consciência democrática se mantenha vigilante, até que os bolsões de resistência nele se integrem, formando um arco completo na escala representativa de toda a nação.

Uma visão panorâmica dos dez meses da Constituinte mostra que, até o momento em que se constituiu o *centrão*, a inautenticidade e a conseqüente inércia dos partidos políticos foram responsáveis pela omissão no nível democrático brasileiro. Os partidos assistiram como espectadores, sem a menor capacidade de reação, ao trabalho sistematizado pelas correntes de esquerda em *benefícios onerosos*. Ou seja: criaram situações que implicavam custos, para as empresas e o poder públicos, mas não providenciavam uma fonte de recursos para torná-los viáveis.

Com isso, semeavam a inviabilidade dos novos *direitos* sociais para a colheita da frustração social. Era esse o investimento político feito pela esquerda, com a omissão das tendências democráticas e o desinteresse do próprio governo, que só se fez presente na hora de defender o presidencialismo e o mandato de cinco anos. A divisão e a falta de coesão dos democratas retardou a reação, mas o risco aglutinou todas as correntes que têm a perder com a esquerdização irreal proposta com amadorismo e defendida com fanatismo.

A reação que impulsionou o *centrão* não se limita à sua organização: gerou também o seu contrário, que está sendo retardado pela surpresa que pilhou em flagrante as esquerdas. Mas já está em preparo um movimento para aglutinar o que sobrou das esquerdas, em meio à troca de acusações com que irão se responsabilizar uns aos outros os seus líderes. É sempre assim.

O êxito não livra o *centrão* do perigo de uma competição de vaidade. Não cessou, portanto, a necessidade de um trabalho de articulação capaz de mantê-lo unido em torno de um programa completo em relação ao essencial (podar os excessos de esquerda e desentortar a concepção ideológica do projeto de Constituição). Há mais a fazer, como garantia prévia de uma atuação que cubra todo o período de trabalho

na Constituinte: integrar os grupos que, mesmo por exclusão, gravitam na órbita de responsabilidade democrática.

Os dois grandes ramos em que se divide a Constituinte são, claramente, o *centrão* majoritário e a esquerda em desagregação. Tornou-se minoritária a esquerda, mas ainda não está quantificada em votos, porque ora conta com o PT e o PDT, ora o radicalismo os separa.

Em torno do *centrão*, com força majoritária, gravitam o Grupo dos 32 e o recém-nascido *centrinho*. A vitória na mudança do regimento interno está longe de ser a garantia que permita a esses grupos menores desgarrar para a autonomia de vôo. Não haverá futuro para eles se a Constituição não estruturar as garantias políticas sobre as liberdades e a vontade da maioria. Toda disputa política pode ser guardada para mais tarde. A transição se encerrará com a sucessão presidencial que a nova Constituição fixar como marco político definitivo.

Há um compromisso estratégico que impõe um programa tático aos aliados naturais do *centrão*. O Grupo dos 32 e o *centrinho* não podem ser clubes fechados onde seus membros reescrevem sua biografia, ou se equilibrem em cima do muro os hesitantes em assumir posições claras. Democracia — é bom lembrar — pressupõe e exige clareza em questões fundamentais. Uma Constituição é documento de base para uma nação que já sofreu duas ditaduras e incorporou atraso político aos seus hábitos representativos. Ainda estamos na fase do paternalismo social, que transforma eleições em feira livre de favores. O medo do sistema distrital, para aproximar candidatos e eleitores, é típico dessa ilusão que insiste no voto pingado através de um sistema proporcional vicioso.

Esses pequenos grupos não são núcleos de futuros partidos, porque lhes falta consistência política para ter um programa próprio. Por mais que desejem manter diferenças em relação a um grupo majoritário, como esse *centrão* que exprime apenas um momento político em sua necessidade constituinte, o 32 e o *centrinho* podem tranquilamente — e por exclusão — gravitar na órbita democrática. Não são de esquerda, e é o quanto basta para se entenderem com a maioria e trabalharem pela democracia. Que esta seja forte e duradoura pela sua constituição.